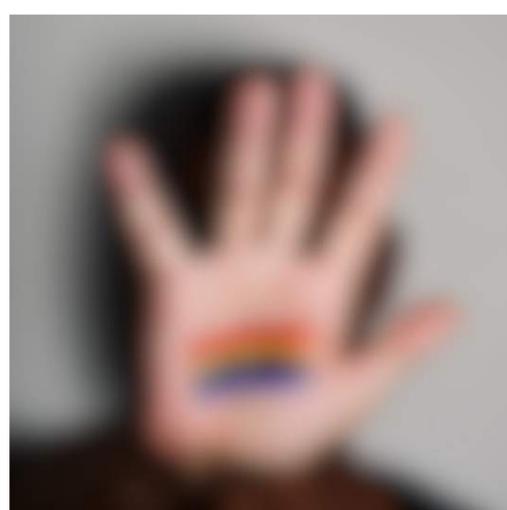
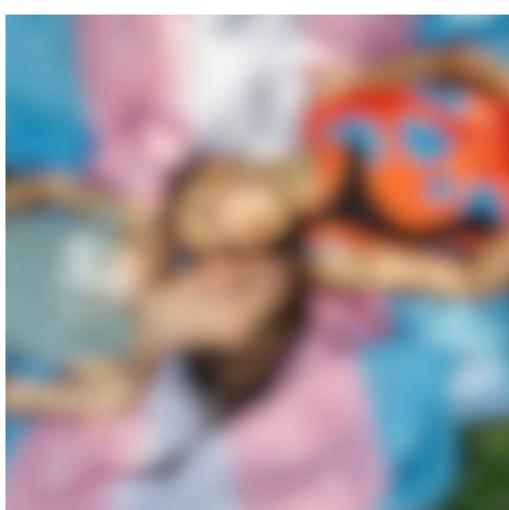
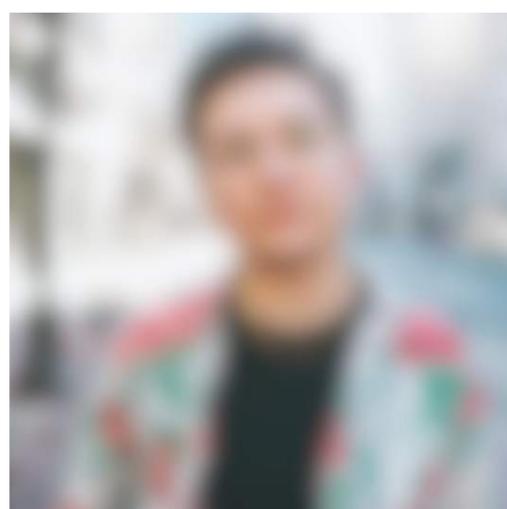
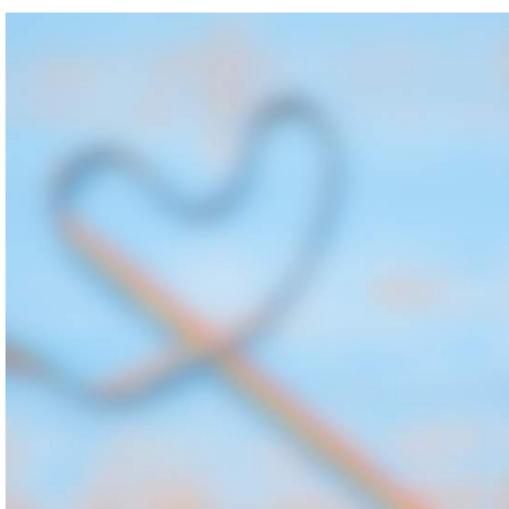
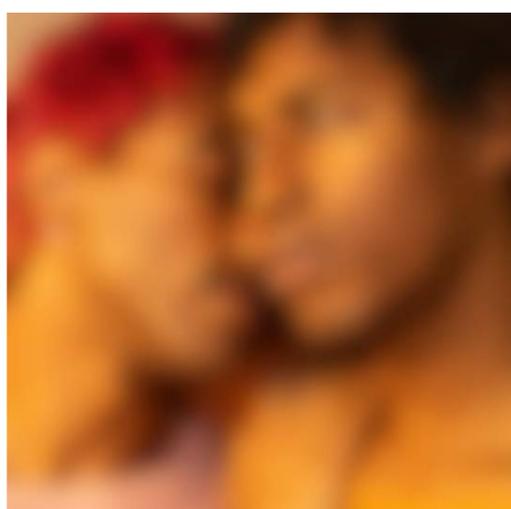
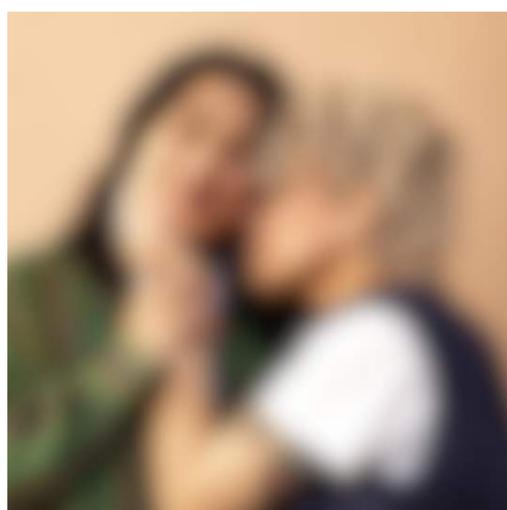
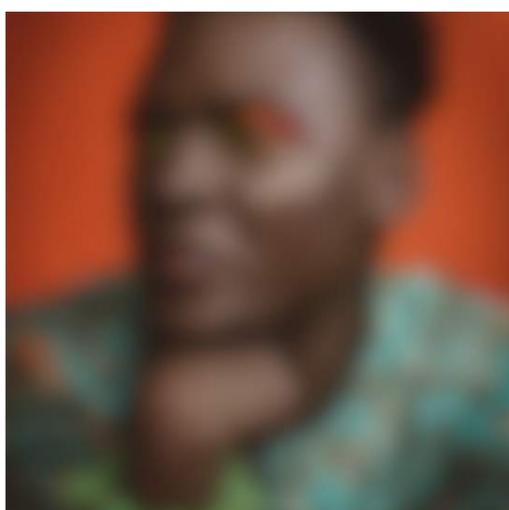
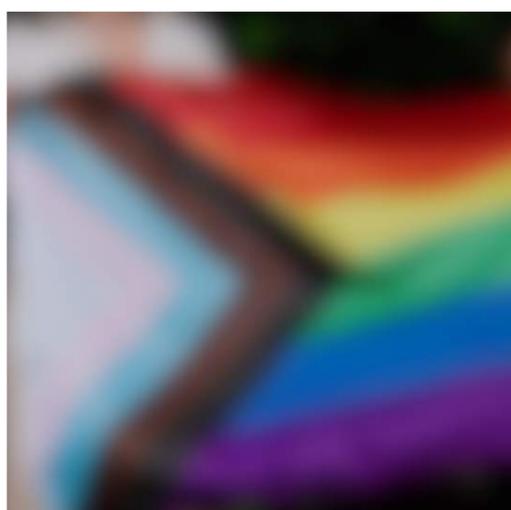




# MEMÓRIAS QUEER



**INSTITUTO FEDERAL**  
Goiano

Campus  
Ceres



**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Memórias Queer [livro eletrônico] / organização  
Fausto de Melo Faria Filho... [et al.]. --  
Ceres, GO : Ed. dos Autores, 2023.  
PDF

Vários autores.

Outros organizadores: Erick Luiz de Paulo  
Rodrigues, Rafael Alves Oliveira, Mairon Marques dos  
Santos, Aliny Karla da Cunha.

ISBN 978-65-00-72199-7

1. Diversidade sexual 2. Memórias 3. Histórias  
de vidas 4. LGBT - Siglas I. Faria Filho, Fausto de  
Melo. II. Rodrigues, Erick Luiz de Paulo.  
III. Oliveira, Rafael Alves. IV. Santos, Mairon  
Marques dos. V. Cunha, Aliny Karla da.

23-160467

CDD-920

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Diversidade sexual : Histórias de vida 920

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



# ORGANIZAÇÃO

Fausto de Melo Faria Filho

Erick Luiz de Paulo Rodrigues

Rafael Alves Oliveira

Mairon Marques dos Santos

Aliny Karla da Cunha





# APRESENTAÇÃO

Este livro é um relato de memórias queer a partir das vivências de estudantes do ensino médio do Campus Ceres do IF Goiano, apresentadas tanto em forma de desenhos quanto em forma de textos.

O projeto de extensão que deu origem a esse livro foi executado entre os anos de 2022 e 2023. Realizou-se um edital de seleção de desenhos, seguido de uma oficina para preparação dos textos. Os autores dos desenhos e textos são estudantes que se identificam como queer ou são simpatizantes desta causa e suas histórias são apresentadas de forma sincera e singela.

O objetivo desta obra é proporcionar uma representação mais completa e diversa das experiências queer. As histórias apresentadas abrangem desde a infância até a adolescência, explorando as dificuldades, as conquistas e os momentos de descoberta que fazem parte da jornada de uma pessoa queer.

"Memórias Queer" é uma obra importante e necessária, que amplia a representação das vivências queer na literatura. Por meio dos desenhos e textos, os leitores são convidados a refletir sobre a diversidade humana e suas questões políticas.



# SUMÁRIO

Não somos diferentes	6
Quebrando paradigmas	9
E a luta continua	12
Meu dia de aceitação	18
Minha memória queer	21
Conexão com meu eu autêntico	29



# NÃO SOMOS DIFERENTES

Minha infância foi recheada de alegrias e momentos de felicidades, graças aos meus pais. Lembro-me que mamãe amava fazer piquenique e meu pai nos levava ao rio sempre que podia, passávamos uma ou duas noites lá acampando. Mas, quando não dava certo de ir, ele montava a barraca na sala de casa só para que nossa diversão estivesse garantida.

O quintal da minha tia era muito grande, meus primos e eu aproveitávamos todas as árvores que por ali se vislumbrava, principalmente para montar casinhas, brincar de esconder e do tradicional pega-pega. Quando minha mãe nos buscava era uma tristeza sem fim, quase sempre eu pedia pra ficar, às vezes conseguia, e nessas ocasiões me divertia com as roupas de meus primos, mas não havia preocupação, apenas um compromisso irrestrito com as brincadeiras intermináveis.

Nasci e morei em Goianésia-GO. Dentre todas as lembranças que possuo, aquelas que seguramente me marcaram, dizem respeito ao sabor inconfundível do churros que passava por minha casa e à coloração mágica do algodão doce. Além disso, o lago grandioso da cidade, com suas pipocas agridoce e o barulhinho dos patos flutuando em uma sinfonia uníssona. Entre minhas andanças pela “Princesinha do Vale”, a singela reminiscência dos brinquedos, parques e dos festejos agropecuários, bem como do clube que me encantava profundamente.

Com seis anos de idade, mudei-me para Itapuranga-GO, morei com minha bisavó e depois com meu avós. Era bom, mas a única parte que trazia um ligeiro descontentamento residia no conflito geracional que vivíamos, pois tinham o costume de “danar” quando nos presenciavam com brincadeiras que envolvessem corda ou até mesmo as manobras de se esconder, sujar brinquedos e subir em árvore, por meio da correria interminável. Minha teimosia era meu principal alibi, sempre que era surpreendido pelos famigerados gritos que ecoavam pelos cômodos, a saber: "Pode descer daí" e "Já falei que não pode brincar disso." Era um misto de sensações, entre broncas e os auxílios com brincadeiras, por exemplo, o balanço que meu avô fez na garagem, e as roupas que minha avó fazia para as bonecas.







# QUEBRANDO PARADIGMAS

Há algum tempo, quando era mais nova, tinha uma amiga inseparável, Laura. Nossas famílias moravam lado a lado, ambas conservadoras e para eles, éramos as jovens exemplares, pois tínhamos uma vivência na igreja.

Fizemos o Ensino Fundamental e Médio juntas. Após um ano, já no Ensino Médio, Laura conheceu uma garota, Alice, e começaram uma amizade. Depois, de um tempo, Laura e Alice começaram a namorar, sem que as famílias soubessem.

No entanto, no mesmo colégio, havia um garoto que era vizinho nosso e era membro da nossa igreja também. Ele ficou muito intrigado com o namoro delas e resolveu que iria contar para a mãe da minha amiga. Tentei acalmá-lo, pedindo para que não o fizesse, mas isso não resolveu e ele a expôs. Dessa forma, a família dela, a minha e toda igreja ficou sabendo e a repudiou por isso.

Nossas famílias queriam nos tirar do colégio, só não o fizeram porque estávamos já no último ano e a instituição tinha o técnico integrado. Mas nossos pais nos proibiram de ver ou chegar perto de Alice, nossa amiga, só que isso era quase impossível, já que éramos da mesma turma.

Mentíamos para nossas mães quando elas iam nos buscar no colégio, era apenas nesse momento que nos afastávamos dela. Terminamos o Ensino Médio. Laura foi para outra cidade, eu e Alice fomos para a mesma faculdade, curso e turma sem que minha família soubesse, pois se soubessem me levariam para outra cidade também, mesmo depois de ter se passado tanto tempo.

Na faculdade, quando havia eventos ou tínhamos que tirar alguma foto da turma, me escondia, para que meus pais não vissem que estávamos estudando juntas. Após um ano na faculdade me casei. Mas mesmo depois de anos, quando vou a casa de meus pais e dos pais de Laura, o nome de Alice nunca é tocado, este é um assunto proibido.



• **Seja** **voce** **mesmo** ♥





## E A LUTA CONTÍNUA

É indiscutível que a comunidade LGBTQIAP+ vem ganhando espaço na sociedade com o passar dos anos. Podemos dizer que esse avanço perante a sociedade impactou muito a vida dos jovens de todo mundo, de forma que, tanto as famílias quanto os próprios indivíduos têm se aceitado cada vez mais e começado a falar sobre identidade de gênero.

Posso dizer que, desde criança, vindo de uma escola particular e religiosa, não tinha praticamente nada de contato com as diferenças de gêneros durante o Ensino Fundamental. Já na minha família, acredito que por grande parte ser da área rural, acabaram não tendo muitas informações a respeito do assunto. Ninguém nunca comenta sobre e tampouco há membros da comunidade assumidos publicamente.

Falando um pouco mais sobre mim, durante toda minha juventude eu tinha em mente que não era igual à maioria dos alunos da minha sala e quando digo a maioria é porque eu percebia que eu não era o único da minha sala que fazia parte da comunidade LGBTQIAP+. Pelo fato de não ter aprendido nada sobre diversidade de gênero em casa, nem na escola e nem na sociedade, acabei não sendo honesto comigo mesmo, isto é, popularmente falando, não “sai do armário”.

Com o passar dos anos, após eu entrar no Ensino Médio, no Instituto Federal Goiano, pude ver que havia muitas outras pessoas assim como eu e que essas pessoas eram tratadas muito bem, exerciam cargos dentro da instituição e aos alunos era oferecido informação e acolhimento.

Dessa forma, ficou mais fácil para eu assumir quem eu realmente era, sem me preocupar com que a sociedade pensaria ou com o preconceito, haja vista que ao meu redor esse preconceito era mínimo, quase zero, que eu já não estava mais preocupado com as consequências que me assumir como gay iria me causar e, já adiantando, não trouxe consequência alguma.

Mesmo diante de todo acesso à informação e apoio que tive da comunidade acadêmica do IF Goiano, só me assumi quando concluí o Ensino Médio. Durante essa fase, contei apenas para meus quatro melhores amigos. Uns ficaram meio sem acreditar, outros disseram que já imaginavam, mas o melhor de tudo foi que todos me aceitaram de forma muito tranquila, inclusive, parece que nossa amizade se fortaleceu ainda mais.

Falando agora sobre a questão familiar, eu nunca cheguei na minha mãe e nem no meu pai e falei “eu sou gay”, da mesma forma que um filho que é “hétero”, por



exemplo, nunca chega para os pais e fala “eu sou hétero”. Meus pais e minha família perceberam naturalmente que eu não sou hétero e, após eu me assumir para mim mesmo, eu comecei agir como sou. Quando me perguntado algo que envolva assunto de sexualidade eu ajo naturalmente e respondo toda a verdade, não fujo do assunto e nem nego nada. Para mim, essa questão deve ser tratada como algo natural, pois a partir do momento em que tratamos a diversidade de gênero como algo diferente, algo que não estava no padrão da sociedade arcaica, nós mesmo estamos contribuindo para o preconceito.

Por fim, saliento que foi a melhor decisão da minha vida ter me assumido. E para os que ainda não se assumiram, ressalto que cada um tem seu tempo, não se sintam pressionados sobre questões de sexualidade e diversidade de gênero, apenas vivam suas vidas de forma que sejam felizes consigo mesmos.

consideramos justa  
toda a forma de amor!

TODOS SÃO LIVRES PARA AMAR



não tem cura  
para o que  
não é  
doença

por um mundo  
onde o amor  
não se esconda  
em um armário.





Raiany Ferreira Gonçalves  
*Técnico em Meio Ambiente integrado ao Ensino Médio*







# MEU DIA DE ACEITAÇÃO

Em um dia quente de verão estava eu pronto para ir à escola, em minha opinião o melhor e mais seguro lugar do mundo, ver meus amigos e meus professores me deixava muito feliz e isso também acalmava-me.

Neste mesmo dia conversávamos, eu e alguns amigos em sala, sobre assuntos variados quando uma amiga próxima começou com o assunto de que éramos a única escola de região que não tinha alguém da comunidade LGBT em nosso meio, chamando bastante a atenção de meus amigos. O assunto começou a ficar sério, quando um deles teve a ideia de procurar alguém em nossa escola que fosse gay, para expor essa pessoa para todos, da escola e da cidade. Não gostando muito do que estavam pensando em fazer, me afastei deles por algumas horas até que o assunto morresse.

Algum tempo depois, ainda no mesmo dia, ouvi minha amiga, a mesma que havia comentado sobre o assunto delicado para mim, dizendo em alto e bom som que seria muito bom ter um amigo gay e que gostaria muito disso. Boa parte da turma apoiou e gostou da ideia. A partir desse momento surgiu em mim uma enorme vontade de contar a eles esse meu segredo tão íntimo e especial.

No dia seguinte, eu estava decidido a contar tudo a eles, porém tive de escolher alguém para começar e escolhi a mesma amiga que começou com o assunto, por outro lado ela era a garota mais escandalosa e indiscreta de toda a escola, não seria fácil fazê-la guardar segredo. Resolvi então que contaria primeiro a outra amiga, sendo essa mais discreta, e em seguida pediria que contasse à primeira amiga para que não fosse gerado tanto caos em cima do assunto.

Ao contar à primeira amiga fiquei totalmente nervoso, tanto por estar descarregando o peso de minhas costas quanto pela reação da mesma. Ela saiu gritando meu segredo, de tão feliz que havia ficado, o que deixou-me muito envergonhado quase desisti de contar ao restante do pessoal. Entretanto, em seguida criei forças e contei para outra amiga, que não acreditou muito no início mas com o tempo viu que era verdade e ficou muito feliz, e em seguida aos outros da turma.

Ao ver o que havia acabado de fazer percebi então que teria de contar aos meus familiares com rapidez, pois se algum amigo meu comentasse com algum familiar deles, que por sinal conheciam meus pais, eu poderia ficar encrencado. Então no mesmo dia criei coragem e assumi para minha mãe, por telefone, e depois para meu pai, da mesma forma. Aceitaram super bem, totalmente diferente do que eu esperava, agiram naturalmente comigo e me continuaram me tratando super bem. Sigo minha vida muito feliz e com muitos amigos até então!

Julian Victor Lopes Oliveira

*Técnico em Informática para Internet integrado ao Ensino Médio*







# MINHA MEMÓRIA QUEER

Em uma pequena cidade, como poderia eu imaginar, que nos rincões do interior goiano, precisamente em Ceres-GO, iria me encontrar. Atualmente, tenho 22 anos, quando tinha apenas 14 anos, tomei a decisão de me mudar da minha cidade natal, sozinha, sem conhecer absolutamente ninguém nessa nova realidade, mas afinal, não era isso mesmo que eu queria? Uma nova oportunidade de recomeçar, para tentar fugir de quem era, uma jovem adolescente que acabara de perceber que não era assim tão padrão como imaginara.

Tomada pela desilusão de me perceber apaixonada pela melhor amiga, decidi então, tão jovem e cheia de medo, que me distanciando dali, de certa forma, fugiria de quem eu era. Mal sabia que me mudando para Ceres teria a mais bela oportunidade de me aceitar, amadurecer emocionalmente e culturalmente, conhecendo e convivendo com pessoas com os mesmos medos, as mesmas frustrações, e acima de tudo, pessoas que realmente me entenderiam e me apoiariam.

Minha memória Queer ainda está em construção, mesmo após os últimos sete anos não terem sido tão significativos, ainda me encontro nesta pequena cidade chamada Ceres-GO, imersa em uma rede que, hoje percebo, sem ela nada seria. Dentro de uma instituição chamada Instituto Federal Goiano - Campus Ceres na qual cheguei, cheia de dúvidas, vontades e ainda abalada. Dentro da residência estudantil achei amigas que me curaram, me apaixonei e sem dúvidas foi um belo amor.

Dentre os momentos que vivi, quero ressaltar quando eu tinha 17 anos, de certa forma mais madura, mas mesmo assim ainda uma adolescente e como era de se esperar, em um relacionamento juvenil, escondido do mundo, onde somente os mais íntimos sabiam, fomos expostas e julgadas quando um ente fez o desfavor de gravar um vídeo e reproduzir em um lugar que deveria ser de adoração, mas parecia um ambiente de acusação e opressão.

Minha namorada da época teve nossa relação exposta na igreja que congregava. Então assim, teve início a minha pior memória Queer até o momento, vendo quem eu mais amava naquele momento ser julgada, expulsa, excluída da igreja e família, sobre constante julgamento, por pessoas que nada tinham que opinar sobre uma vida que não era delas, por pessoas que hoje se encontram no meio LGBTQIAP+. Não os condeno, pois vejo que não tiveram a sorte que eu tive de encontrar um IF Goiano - Campus Ceres.

Por vezes me pego a pensar, seria eu assim? Em um universo paralelo, poderia ser eu ali, julgando por algo que eu mesmo teria medo, julgando a coragem daquele que vive o que eu queria viver? Afinal, é mais fácil julgar e condenar, do que ser o julgado. Para uns, melhor é seguir a maré, do que nadar em busca de suas próprias verdades.



Geovanna Silva de Oliveira Tosta  
*Técnico em Informática para Internet integrado ao Ensino Médio*



Yasmin Moraes Rodrigues  
*Técnico em Agropecuária integrado ao Ensino Médio*









Raquel de Alencar Pilôto

*Técnico em Meio Ambiente integrado ao Ensino Médio*





# CONEXÃO COM MEU EU AUTÊNTICO

Nasci e cresci na cidade de Ceres/GO, onde resido até hoje. Tive uma infância feliz, rodeada de pessoas que me amam e que faziam e fazem de tudo para minha felicidade.

Após a separação dos meus pais, minha mãe, que ainda fazia faculdade, passou a enfrentar problemas financeiros, não tendo condições de cuidar sozinha de mim e do meu irmão mais velho. Então nos mudamos para a casa dos meus avós.

Após alguns anos, minha mãe se casou novamente e nos mudamos. Desde criança sempre fui colocada dentro dos padrões heteronormativos e, como em toda família, esperavam que me casasse com um homem e tivesse filhos e filhas. Somos pessoas que, desde pequenos, temos imposições sociais para seguir e cremos que aquele é o caminho certo. Isso influencia muito na vida das pessoas, inclusive na minha.

Quando completei 14 anos, no período em que se iniciou a pandemia, passava maior parte do tempo dentro de casa e com isso, desenvolvi muitos problemas, inclusive nessa época comecei a me descobrir. Foi um momento em que não me sentia bem em lugar nenhum, não tinha certeza da minha orientação sexual e nem de quem eu realmente era.

Passei por muitas fases - crises, medos, rótulos, negação, insegurança - e só queria entender o que estava acontecendo comigo. Me rotulei de várias formas, tentei me encaixar em algo que não era o meu lugar. Mais crises, mais rótulos, mais medo, mais negação.

Hoje, aos 16 anos, descobri que a forma mais fácil de sair dessa fase ruim, é ME ACEITAR. Eu não preciso de nada nem ninguém, para me dizer quem sou eu, apenas eu mesma. Descobri que o meu coração é a chave para a felicidade e apenas comecei a segui-lo. Eu não preciso de rótulo para me encaixar em algum lugar, eu apenas preciso buscar minha felicidade e fazer o que me sinto bem, sem medo do preconceito, pois o amor sempre vence.



Rafaela de Carvalho Dias  
*Técnico em Meio Ambiente integrado ao Ensino Médio*



**INSTITUTO  
FEDERAL**

Goiano

---

Campus  
Ceres